

## **Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de formatura de Jovens Voluntários para os Jogos Pan-Americanos**

**Rio de Janeiro/RJ – 11 de abril de 2007**

Meu querido companheiro governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral,

Meus queridos companheiros ministros de Estado, Tarso Genro, da Justiça; Carlos Lupi, do Trabalho e Emprego; e Orlando Silva, do Esporte,

Luiz Fernando, nosso companheiro responsável pela Segurança Nacional,

Meu caro Luiz Fernando de Souza Pezão, vice-governador do Rio de Janeiro,

Meu caro José Carlos Schmidt, presidente do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro,

Meu caro Arthur Nuzman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro,

Meu caro Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, presidente da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro,

Deputados federais Brizola Neto, Carlos Santana, Edmilson Valentim, Edson Santos, Luiz Sérgio e Simão Sessim,

Meu querido Beto Cury, da Secretaria Nacional da Juventude,

Meu caro Demian Fiocca, presidente do BNDES,

Meu caro José Hilário Nunes Medeiros, coordenador das Ações de Segurança dos Jogos Pan-Americanos,

Meus companheiros secretários de estado,

Secretários do município,

Vereadores,

Meu querido companheiro Augusto César Franco Alencar, diretor-geral do Sistema Firjan,

É importante que neste ato que estamos fazendo aqui, ao terminá-lo cada um de nós que está no palanque saiba o que estamos fazendo aqui e cada um de vocês saia sabendo por que nós convocamos essa manifestação da juventude do Rio de Janeiro, que vai trabalhar para cuidar de muitas coisas de cidadania nos Jogos Pan-Americanos. Nós temos que deixar isso claro, porque tem muita coisa interessante para acontecer neste País.

Eu acho que a juventude brasileira, sobretudo os nossos adolescentes, estão a se perguntar, todo dia, qual será o dia seguinte na sua vida e o que vai acontecer de bom para eles. Eu estive aqui há mais ou menos 30 dias assinando uma medida provisória, liberando 100 milhões de reais para que o governo do estado pudesse concluir todas as obras do PAN. E aqui eu me encontrei com um grupo de jovens que estavam fazendo o curso para participar do PAN. Esses jovens pediram para tirar fotografia e eu disse ao Governador: eu acho que nós precisaríamos conversar com esses jovens antes de começar os Jogos Pan-Americanos. E aí resolvemos marcar esta data de hoje, no Maracanã.

Depois que eu vim ao Maracanã e bati um dos melhores pênaltis já batidos neste Maracanã, na frente de um goleiro competente, mas que não conseguiu pegar o pênalti,

eu fui a Pernambuco entregar o diploma de formação profissional para 4 mil e 200 jovens que fazem parte do ProJovem. E lá eu vi jovens, meninas de 17 anos, já mães de dois filhos, indo estudar com os dois filhos no colo. Eu vi mãe de 15 anos de idade indo para a escola, com o filho com febre, mas queria fazer o curso porque achava que aquilo era a independência dela.

Pois bem, eu fiquei imaginando, ao conversar com um jovem que tinha começado um curso, foi preso, e dentro da cadeia continuou estudando. E pelo fato de continuar estudando, o governador do estado e o secretário de Segurança de Pernambuco autorizaram esse jovem a voltar para a escola para estudar, entendendo que ele tinha se arrependido do delito cometido. E eu comecei a entender que valia a pena o que nós estávamos fazendo.

Pois bem, ontem e antes de ontem, vocês viram na televisão brasileira, em quase todos os jornais e no Jornal Nacional, o resultado do concurso feito pelo Ministério da Educação, avaliando o grau de eficiência dos estudantes brasileiros na universidade. E o que aconteceu? Os alunos do ProUni, em 14 categorias foram os melhores alunos aprovados nesse concurso. E por que os alunos do ProUni? Porque quando nós lançamos o ProUni, houve gente que disse que quando nós estivéssemos dando oportunidade para jovens pobres da periferia, que tinham estudado em escola pública, de fazer um curso universitário, nós iríamos rebaixar a qualidade da universidade brasileira. E, depois de pouco tempo na universidade, esse jovem de escola pública, filho de homens e mulheres pobres, filho de homens e mulheres que não tiveram condições de estudar, ao serem comparados com outros jovens, filhos de classe média e classe rica, esses jovens pobres mostraram que a única coisa que eles precisam na vida é de uma oportunidade para provar que são tão competentes quanto qualquer outro brasileiro na história deste País.

Pois bem, aqui nós estamos diante de um grupo de jovens voluntários do PAN, e é importante vocês terem clareza de que essa idéia de aproveitar a juventude em todo o território nacional significa a gente trazer a juventude, não apenas para ter uma oportunidade, mas para tentar abrir um leque de oportunidades para que ela perceba que o Estado brasileiro, as prefeituras, e o governo do estado estão dispostos a dar a sua contribuição para que esses jovens possam vencer.

Este encontro, que se realiza no âmbito dos Jogos Pan-Americanos, seu sentido é muito mais duradouro do que as duas semanas de competições esportivas com milhares de representantes dos nossos irmãos de todas as Américas. E a razão é simples, quando esses jogos terminarem para os atletas que vieram para o PAN, começa o jogo da vida e da cidadania de todos vocês. E aqui nós temos exemplos que eu queria citar. Nós temos no meio de vocês um companheiro chamado Edras Barreto da Silva, ele tinha sete anos quando assistiu pela televisão a comemoração de Natal em que fui passar o Natal com os catadores de papel lá em São Paulo, lá na Baixada do Glicério, em 2002.

Pois bem, o Edras convenceu a mãe dele, a dona Zilda Barreto da Silva, de que também poderia fazer a mesma coisa na sua comunidade, selecionando lixo. Começaram armazenando os materiais no barraco onde viviam, no morro do Itararé, no complexo do Alemão. Outras pessoas se juntaram ao trabalho e buscaram um espaço maior. Dona Zilda conseguiu legalizar o grupo constituído “Clube de Mães e Amigos do Morro do Itararé” e conseguiu ocupar o galpão destelhado de uma antiga fábrica de cerveja em frente ao complexo. Hoje, lá trabalham 45 pessoas e, como a área era muito grande para o pouco lixo a selecionar, a comunidade juntou suas competências e construiu três salas de aula. É nessas salas de aula que os professores ensinam os guias cívicos. O curso de guia tem prazo para acabar, mas as aulas e a transmissão do conhecimento, certamente, nunca vão acabar. E por causa dessa idéia de um menino de

7 anos, que convenceu a sua mãe em 2002, lá já passaram mais de 400 jovens do Complexo do Alemão, entre eles alguns que foram resgatados do crime e outros tantos que têm resistido ao crime.

Tem também o caso da Viviane de Almeida Laurindo, ela está aqui no meio, tem 19 anos de idade, mora na comunidade de Inhaúma, no Complexo do Alemão também, e tem certeza de que o curso de guia cívico que está fazendo vai abrir novas portas e novas oportunidades para ela. Durante os Jogos Pan-Americanos quer pegar as pessoas pelas mãos e mostrar que o Rio de Janeiro é muito mais cidade do que muitas vezes se pensa. Ela viveu a amarga experiência de escapar sem ferimentos, felizmente, de um tiroteio que durou várias horas.

O que estamos fazendo aqui, certamente, deixará dois legados. E é importante, Governador, é importante, representantes da Prefeitura, é importante, jovens do Rio de Janeiro, saber que o Pan-Americano não vai acabar e vai tudo embora, não. Aqui, por conta do PAN, nós vamos deixar, na forma de doação, 3 mil e 800 computadores para os programas de inclusão digital, e outros 1 mil e 200 ao sistema de segurança do Rio de Janeiro. Além disso, vamos deixar 600 câmeras de TV nos locais dos jogos e principais vias de acesso, em pontos estratégicos da cidade. Aqui, Governador, vamos deixar mil viaturas que serão incorporadas à frota da polícia do estado do Rio de Janeiro, 27 aeronaves, entre helicópteros, aviões e motoplanadores. Mais de 5 mil aparelhos de comunicação da polícia serão trocados por equipamentos de tecnologia digital e criptografada, além, é claro, dos equipamentos esportivos para uso da população em geral. Outro legado se traduz na inclusão social, no maior fortalecimento da auto-estima dos brasileiros e do Rio de Janeiro e no despertar da afirmação pessoal de milhares de jovens que vivem em situação de risco no entorno dos locais dos jogos.

Eu queria, meus companheiros e minhas companheiras, poder enxergar quem está lá também, porque eu estou aqui escondido atrás do toldo. Mas eu queria dizer para vocês – depois alguém vai pegar esse envelope aí, eu não tenho como pular aqui, senão vou ensinar os torcedores a pularem e não podemos fazer isso, mas depois alguém pega – eu queria dizer para vocês, para terminar, de uma inquietação que eu tenho. É a inquietação, se eu não passar para vocês, eu não volto para casa tranquilo. É a inquietação da motivação dos adolescentes brasileiros em acreditar que a gente pode vencer na vida se for persistente, se for corajoso, se for ousado e se tiver, do lado da gente, uma família que possa agregar os valores que a família tem que ter. E eu faço questão de repetir isso em todos os lugares que eu vou. É importante que isso sirva de estímulo para vocês porque, muitas vezes, a gente acorda de manhã e vê a televisão, só tem notícia negativa; a gente compra um jornal, só tem notícia negativa; a gente escuta um rádio, muitas vezes, tem muita notícia negativa. Muitas vezes eu tenho a impressão de que as coisas boas perderam espaço para as coisas ruins. Por exemplo, lá no Congresso Nacional, quando eles querem dizer que tem um deputado que não trabalha, eles não individualizam, eles dizem: “a Câmara dos Deputados não trabalha”, e aí o povo passa a entender que são os 513 deputados que não trabalham. Se tem um deputado corrupto, “tem corrupto na Câmara”. Às vezes não especificam e induzem as pessoas a acreditarem que é tudo a mesma coisa.

Quando um jovem comete um delito, quando um jovem comete uma coisa bárbara, às vezes aparece na imprensa durante 30 dias. E, muitas vezes, o jovem faz coisas boas e não aparece nem no rodapé de um jornal, não é notícia. Eu quero dizer isso para ter uma conversa muito franca com vocês. Eu, às vezes, tenho a impressão de que nós valorizamos o que não presta e desprestigiamos o que presta neste País. Vou dizer isso porque vocês são exemplos de que os jovens do Rio de Janeiro são infinitamente melhores do que, muitas vezes, a impressão que se passa na televisão, no

rádio ou em qualquer outro lugar. A impressão que eu tenho é que se a gente mostrar o jovem que cometeu um crime, a gente deveria mostrar, do outro lado, os milhões de jovens que são pobres, que estão com o pai desempregado, a mãe desempregada, que não têm o que tomar no café de manhã, não têm o que almoçar, mas são jovens honestos que querem estudar, que querem trabalhar e querem apenas uma oportunidade.

Muitas vezes isso não é mostrado e está aqui, vocês sendo exemplo dessa maioria de brasileiros oriunda de famílias pobres, com as necessidades que o pobre tem no Brasil. Bastou oferecer uma oportunidade para vocês fazerem um curso, para aprenderem noções de inglês, noções de espanhol, noções de cidadania e pagar 175 reais, que vocês souberam sair de casa e agarrar essa oportunidade com unhas e dentes.

Eu quero dizer para vocês uma coisa muito importante, eu saí de Pernambuco com 7 anos de idade para ir para São Paulo. Eu fui um jovem que comeu pão pela primeira vez aos 7 anos de idade, quando cheguei na cidade de Santos, em São Paulo. Eu fui um jovem que ganhou o primeiro presente aos 18 anos de idade, quando eu já estava formado torneiro mecânico, um presente que eu mesmo me dei: eu comprei uma bola que não era nem bola de capotão, como a gente chamava antigamente a bola oficial, era uma bola de borracha. Depois eu comprei o meu segundo presente, já que a minha mãe não tinha dinheiro para me dar presentes. Foi uma bicicleta velha, e eu perdia mais tempo consertando a corrente dela do que pude andar nessa bicicleta.

Eu fui um pobre como vocês, mas eu tive uma chance e a agarrei. Teve um tempo em que eu tive que decidir entre continuar o estudo científico ou fazer um curso profissionalizante. Como a minha mãe tinha se separado do meu pai e tinha 8 filhos dentro de casa, eu preferi fazer um curso profissional e foi esse curso de torneiro mecânico que me permitiu, de 8 irmãos, ser o primeiro a ter um diploma de curso profissional, o primeiro a ter uma televisão, o primeiro a ter um carro, o primeiro a ter uma casa. Por conta dessa profissão, eu fui trabalhar numa fábrica grande, entrei no sindicato, entrei na política e virei presidente da República, depois de perder três eleições neste País.

Eu poderia ter desistido, porque aqui no Brasil dizia-se que política não era coisa para pobre, que pobre, o máximo que podia fazer era ter título de eleitor para votar nos ricos. E eu teimei, eu tinha consciência de que era tão inteligente ou mais do que eles, o que eu precisava era acreditar em mim mesmo, era ter fé e trabalhar. Cada eleição que eu perdia eu voltava para casa, encontrava a Marisa, às vezes a gente discutia: “não vale a pena, a elite brasileira não vai deixar você ganhar, os tubarões não vão deixar você ganhar, eles têm preconceito, você é pobre, não tem diploma universitário, é nordestino, não sabe falar inglês, não sabe falar espanhol.” Mas eu achava que para governar o Brasil eu não tinha que falar inglês, eu tinha era que falar a língua que o meu povo entende, eu tinha que falar era o idioma da sociedade brasileira.

Pois bem, companheiros, eu perdi três vezes. E cada vez que eu perdia, eu levantava a cabeça e estou aqui hoje. Eu estou dizendo isso para dizer para vocês: vocês estão começando a vida, pelo amor de Deus, não desanimem. No dia em que vocês estiverem em casa desanimados com a política e estiverem pensando: “O Sérgio Cabral não presta, o Lula não presta, o deputado não presta, o vereador, não presta”, ainda assim, por favor, não desanimem, porque se nenhum de nós prestarmos, quem sabe o político ideal está dentro de vocês, entrem na política e ajudem a mudar a história deste País.

E aqui eu quero dizer para vocês: não há espaço para desanimar. Não foram poucas as vezes que eu, no domingo, na hora do almoço, sentava com a minha mãe, três irmãs e meus irmãos e, muitas vezes, o que tinha para comer era um bocado de feijão com arroz, nada mais. Eu, às vezes, levava marmita para a fábrica, ia me sentar com os

companheiros e quando eu me sentava com os companheiros e eles abriam as marmitas, um tinha bife, outro tinha frango, e a minha marmita não tinha nada. Eu fechava a marmita com vergonha de comer na frente deles. Eu, muitas vezes, acordei na minha casa, lá em São Paulo, com um metro e meio de água dentro de casa, rato passando, nadando, barata, fezes, e nada disso me desanimou. Cada desgraça que acontecia eu achava que eu tinha que ter mais fé, acreditar mais e lutar mais, porque não era possível a gente ceder aos infortúnios da vida. Nós temos que resistir, acreditar e lutar. Cada dia que a gente for dormir, a gente tem que ter mais fé e mais esperança.

É por isso Governador, é por isso, empresários aqui presentes, é por isso, Ministros, é por isso, companheiros, que a nossa tarefa com essa juventude não termina agora quando terminar o PAN. Quando o PAN terminar os atletas vão embora, mas vocês ficam. E se a gente permitir que esses jovens voltem a perder a esperança, significa que nós somos irresponsáveis. Nós temos que entender que vocês estão dando o primeiro passo e o agarraram com unhas e dentes. Cabe agora aos prefeitos, aos governadores, ao presidente da República, aos empresários, estender a mão e não permitir nunca mais que vocês voltem ao que eram antes de entrarem para fazer esse curso de jovens cidadãos do PAN.

Nós temos que assumir. Cada empresário, Eduardo, se cada empresário brasileiro contratasse um jovem, apenas um jovem, eu não estou pedindo dois, se cada empresário contratasse um jovem, a gente poderia ter 6 milhões de empregos para esses jovens trabalharem. Se a gente conseguir fortalecer o ProUni, já são 300 mil jovens na escola, fazendo universidade, e nós queremos chegar a 500, a 600, a 700, porque ou o Estado oferece a oportunidade de vocês estudarem, ou oferecemos a oportunidade de vocês trabalharem ou, no desespero, o crime organizado venderá a facilidade para vocês, a vida maligna venderá a facilidade para vocês.

Eu acho, meus companheiros e companheiras, se me permitem tratá-los assim, e me desculpem vir aqui vestido desse jeito para conversar com vocês. É que são milhões de jovens que são o resultado dos desgovernos históricos deste País, são milhões de jovens de 17 a 24 anos, de 15 a 24 anos, só que desistiram da escola são 30% das meninas entre 15 e 17 anos, desistiram da escola porque tiveram filhos e vão ter que cuidar dos filhos.

Pois bem, eu quero dizer para vocês que este ato que estamos fazendo aqui hoje, este curso que estamos fazendo aqui hoje, até o dia 29 de julho, quando terminar o PAN, é apenas o começo da nossa relação. Se depois que terminar o PAN, nós não dermos continuidade a um trabalho com vocês, se nós não criarmos oportunidade de vocês irem para a universidade, se nós não criarmos oportunidade de vocês trabalharem, se nós não criarmos oportunidade de segurança para a família de vocês, eu acho que não valeu a pena a gente fazer tudo isso, e não valeu a pena porque vocês estão dando uma lição em nós. Vocês não são bandidos, não são filhos de bandidos, vocês são gente que eu olho, na cara de vocês, e vejo a cara do Brasil. Vocês são filhos e filhas do Brasil, estão dizendo ao governo: “por favor, não queremos favor, só queremos oportunidade, nos dêem a oportunidade que nós faremos a revolução que este País precisa para a produção e para o enriquecimento”.

Muito obrigado a todos vocês, que Deus os abençoe e até os Jogos Pan-Americanos.